



39 - MAURO BENEVIDES

MAURO BENEVIDES

Carlos MAURO Cabral BENEVIDES, filho de Carlos Eduardo Benevides e de Antônia Cabral Benevides, nasceu em Fortaleza, no dia 21 de março de 1930. Depois dos cursos primário e secundário no Colégio Farias Brito e no Colégio Cearense, licenciou-se em Letras Clássicas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará em 1950, bacharelando-se, dois anos depois, pela Faculdade de Direito do Ceará. Advogado, Técnico em Administração e jornalista (redator de vários periódicos), foi Secretário e professor do SENAC, de cuja Assessoria da presidência foi chefe. Na política, foi Vereador à Câmara Municipal de Fortaleza pelo PSD. Deputado Estadual, líder da maioria, membro de várias comissões, chegou à Presidência da Assembléia Legislativa em 1963; foi Secretário do Interior e Justiça do Estado do Ceará; interinamente exerceu os cargos de Secretário da Fazenda e de Governador do Estado. Foi Presidente do Diretório Regional do MDB no Ceará. Senador da República, de 1975 a 83, foi reeleito em 87. Diretor do Banco do Estado de São Paulo e Presidente do BNB. Membro do Conselho Monetário Nacional, do Conselho Deliberativo da SUDENE e do Conselho de Administração do DNOCS. Foi Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional (1990-93), exercendo interinamente a Presidência da República em 92. São inúmeros os títulos, condecorações e medalhas que recebeu. Na impossibilidade de citar a todas, destacamos a Ordem do Mérito do Congresso Nacional, no Grau de Grande Oficial; Ordem do Mérito de Brasília, idem; Medalha do Parlamento da Alemanha Oriental; Medalha da Assembléia Nacional Portuguesa; Medalha do Parlamento (Knesset) de Israel; Medalha do Mérito Legislativo, da Câmara Municipal de Fortaleza; Medalha Brigadeiro Couto de Magalhães, de S. Paulo; Medalha do Pacificador, do Ministério do Exército; Ordem do Mérito Naval (Fuzileiros Navais); Ordem de Rio Branco, no Grau de Grã-Cruz;

Grã-Cruz da Ordem Andrés Reyer (Peru); Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar; Grande Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutico, e muitos outros. É membro do Instituto do Ceará. Tem participado de várias delegações do Brasil ao exterior, como observador parlamentar. Doutor Honoris Causa pela UFC: membro da Academia Cearense de Retórica; Presidente do Diretório Regional do PMDB, partido do qual foi líder no Senado. Obras publicadas: O IV Congresso de Assembléias Legislativas e o Momento Político (1965), Aspectos da Problemática Nordestina (1968), A Fiscalização Financeira e sua Disciplinação (1972), Autonomia das Capitais (1975), As Muitas Lutas da Vida de Juarez Távora (1975), O Sesquicentenário do Senado Federal (1976), Algumas Sugestões para o Combate às Secas (1977), O Senador Pompeu (1977), Delmiro Gouveia e o Desenvolvimento Nordestino (1978), O Centenário do Nascimento de Hermenegildo Firmeza (1981), Temas Nacionais e Problemas Cearenses (6 vols., de 1976 a 83), Menezes Pimentel — Educador, Político e Homem Público (1987), A Luta pelo Nordeste e Outros Temas Nacionais (1989), além de inúmeros discursos. Raimundo Girão afirmou dele: "No Senado, nunca faltou com a sua palavra fluente e consciente na apreciação dos problemas nacionais especialmente os do Nordeste, e de seus discursos e pareceres organizou volumes de larga aceitação entre os seus pares e pelo País afora."

ARARIPE JÚNIOR E REBOUÇAS MACAMBIRA

Aqui entre os luminares de nossa inteligência, venho ocupar, por decisão irrecorrível dos vossos corações, a Cadeira 39, cujo patrono é Araripe Júnior, sem qualquer dúvida um dos maiores críticos literários do Brasil, em todos os tempos, projetando-se como Tristão de Athayde, Agripino Grieco, Lúcia Miguel Pereira, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Nelson Werneck Sodré e Eduardo Portela, sem esquecer Otto Maria Carpeaux, a quem tanto devem as Letras Nacionais.

Nascido em Fortaleza, a 27 de junho de 1848 e falecido no Rio de Janeiro a 29 de outubro de 1911, Tristão de Alencar Araripe Júnior vem de troncos ilustres e nobres, entre os que mais o sejam, filho do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe e neto do valoroso Tristão Gonçalves, que escreveu páginas épicas nos adustos sertões nordestinos, sendo presidente da meteórica República do Equador, em que sonho e heroísmo se associaram sob a égide de ideais políticos, asperamente punidos pelo Império.

Formado em Direito, Araripe Júnior se destacaria na magistratura, na administração, na política, no jornalismo e na literatura, sendo esta, irrefutavelmente, a sua área de eleição. Exerceu as funções de Juiz em Maranguape, a terra de Capistrano de Abreu; foi Secretário de Governo em Santa Catarina e, num justo prêmio ao seu merecimento, Consultor-Geral da República. Deputado Provincial em dois biênios, teve uma atuação discreta no Parlamento, mesmo porque a sua vocação maior eram as letras, tendo sido um dos fundadores da Academia, no Rio de Janeiro e do Instituto Histórico Brasileiro.

Como ficcionista, contudo, parece não ter alçado vãos aquilinos, talvez por lhe faltar uma veraz apetência criadora, já que a crítica seria, como realmente o foi, o seu destino literário, mais de acordo com sua formação filosófica. Não podem ser esquecidos, no entanto, os seus *Contos Brasileiros*, ou novelas e romances como *O Ninho do Beija-Flor*, *Jacina — a Marabá*, *Luizinha*, *O Reino Encantado*, *Miss Kate* e outros, em que a força ficcional, porém, não teria a consistência das criações de um Alencar, de um Domingos Olímpio, de um Oliveira Paiva, de um Adolfo Caminha.

Já como crítico, foi um nome consagrado nacionalmente,

uma figura paradigmática, ou exemplar, sobretudo pelo lastro cultural de que se alimentavam as suas reflexões e o seu raciocínio. A famosa *Carta sobre a Literatura Brasileira*, os estudos sobre *José de Alencar* ou a análise sutil que demonstrou em *Raul Pompeia*, *O Ateneu* e *o Romance Psicológico*, além das fascinantes páginas sobre Machado e Gregório de Matos, revelam, à saciedade, uma personalidade marcante, no campo do pensamento.

No exercício da crítica, prendeu-se à Escola do Recife, onde resplandeceram os nomes de Tobias Barreto e Sílvio Romero, imprimindo uma orientação científica aos seus julgamentos, numa fuga intencional ao subjetivismo e ao impressionismo. Afrânio Coutinho relançou sua *Obra Crítica*, entre 1958 e 1966, e lá se extraem valiosos conceitos sobre vultos da grandeza de um Zola, de um Dostoiewsky, de um Balzac, de um Flaubert, de um Shakespeare e de um Baudelaire, entre outros.

Como escreveu Felix Pacheco, "Araripe tinha em alto grau a paixão pelo belo, vibrava com os grandes autores, delirava com eles, possuído sempre do fogo interior que cria, vivifica e deslumbra". E a literatura seria, realmente, o grande caminho de seu espírito, que jamais se desinteressou dos problemas sociais, a ponto de enfileirar-se ao lado de José do Patrocínio, em favor do movimento abolicionista. Nesta capital, fez parte da Academia Francesa do Ceará, bem mais filosófica do que literária, ao contrário da Padaria Espiritual, que concentrou todo o seu potencial nas letras, chamando a atenção da Província por sua irreverência e posicionamento anticonservador, antecipando em muitos anos o que iriam fazer, em São Paulo, os integrantes da Semana da Arte Moderna.

O seu nome está em todos os dicionários e enciclopédias de literatura, não sendo justo esquecer que escreveram a seu respeito expoentes do porte de um José Veríssimo, de um Artur Mota, de um Álvaro Lins, de um Aurélio Buarque de Holanda e de um José Aderaldo Castelo, dentre muitos que lhe destacaram as incontáveis virtudes, como o fariam no Ceará todos os historiadores e críticos, sem exceção.

A Cadeira que o tem como patrono, nesta Augusta Academia, foi ocupada, até bem pouco, pelo douto Professor e Jornalista José Rebouças Macambira (1917 - 1992), que teve atuação das mais elogiadas no magistério superior, como titular das universidades Federal e Estadual, tornando-se, por sua

estilo como característica individual de autores e, coletiva, de épocas: a dinâmica dos verbos; enfim, sobre todos os fatos significativos na estrutura da língua.

Como poucos já o fizeram, penetrou naquele riquíssimo reino das palavras, de que nos falou Carlos Drummond de Andrade, embora sabendo, pela lição de Cecília Meireles, que

*as palavras aí estão, uma por uma:
porém minha alma sabe mais.*

Claro que há uma grande diferença entre o escritor, o poeta e o lingüista, mas todos trabalham com os mesmos elementos, através de visões não idênticas. E Macambira era, a um só tempo, lingüista e escritor, com muitos poemas de boa feitura e uma tradução tecnicamente impecável do Rubayat, de Omar Khayyam, que está no livro intitulado *Musa de Aquém e de Além*.

Na área da lingüística, optou pelo estruturalismo, que foi para ele um método científico ou um processo de investigação de formas e fenômenos diversos da linguagem, não obstante as divergências teóricas entre os seus seguidores mais argutos, alguns dos quais o julgam mera substituição conceitual da idéia de essência e substância.

O nosso inesquecível Rebouças Macambira, teorias à parte, realizou um exame profundo da linguagem falada e escrita, descobrindo-lhe sutilezas e particularidades enriquecedoras da visão universal do tema. Tudo isso se acha traduzido em rica bibliografia de que se destacam os seguintes livros: *Estrutura Morfo-Sintática do Português*, editado em São Paulo e já em quinta edição; *Português Estrutural*, também editado na capital paulista; *Estrutura da Oração Reduzida*; *Estrutura do Vernáculo*; *Estrutura Musical do Verso e da Prosa*. Seu desaparecimento, por isso mesmo, constituiu perda irreparável para a Lingüística nacional e para a nossa Academia. E o Ceará reconhece, à unanimidade, o seu imenso valor, como professor, jornalista e homem de pesquisa e criação literária. Neste momento, presto reverente homenagem a sua memória, na pessoa de D. Rosa Maria de Aguiar Rebouças, e de seus filhos Róscio e Rosane, que deverão cultuar para sempre a lembrança de um grande mestre que conhecia, entre outras línguas, o grego, o latim, o francês, o italiano, o espanhol e o inglês, tendo escrito a primeira gramática Sânscrita no Brasil, a sair

brevemente.

Rebouças Macambira será sempre lembrado pela atual e as gerações porvindouras, por seu inquestionável valor, evidenciado sobejamente em importantes áreas do conhecimento humano.

De Posse na Academia Cearense de Letras (1992).
(O título deste excerto foi dado pelo antologista.)